



Duas coisas se confundem na extraordinária personalidade de Ernesto Silva: o médico e o historiador de Brasília. Em ambas, o extremado amor pela cidade e sua gente.



"Finalmente, a 21 de abril de 1960, perante milhares de pessoas... Brasília se transforma na Capital do Brasil". Estava edificada "uma das maiores epopeias da história dos homens".



HISTÓRIA

Brasília — Ano XV

Em 1883, num de seus sonhos-visão, São João Bosco descreve uma viagem pela América do Sul: "Eu enxergava dentro das profundezas das montanhas e nas reentrâncias das planícies. Tinha sob os olhos as riquezas incomparáveis desses países, as quais um dia serão descobertas.

"Mas isso não era tudo. Entre os paralelos 15º e 20º, havia um leito muito largo e muito extenso, que partia de um ponto, onde se formava um leito. Então, uma voz disse repetidamente:

— Quando escavarem as minas escondidas no meio destes montes, aparecerá aqui a TERRA PROMETIDA, onde correrá leite e mel. Será uma riqueza inconcebível".

A construção de um centro de progresso no interior do Brasil, entre os paralelos 15º e 20º, entretanto, já havia sido objeto de longos estudos e debates, desde os numerosos artigos de Hipólito José da Costa, em o CORREIO BRAZILIENSE, editor em Londres, até as firmes recomendações e justificativas de José Bonifácio de Andrade e Silva e os minuciosos estudos do Visconde de Porto Seguro.

Proclamada a República, em 1889, a Constituição inseriu, em um dos seus artigos, a determinação da mudança da Capital Federal para o Planalto Central do País e, ato contínuo, o governo designou uma Comissão de Estudos da Região, chefiada pelo sábio Luiz Cruls.

Após a apresentação de notável e pormenorizado Relatório, o assunto não mereceu mais a atenção do Governo Federal até 1946, quando a Nova Constituição Brasileira determinou ainda a transferência da Capital Federal para o interior do País. Uma Comissão foi instituída, chefiada pelo general Djalma Coelho, a qual realizou exaustivo trabalho, remetido posteriormente ao Congresso Nacional para estudo e aprovação.

Em 1953, o Congresso aprova Lei, determinando que o Governo tome providências para a transferência da Capital. Ainda em 1953, já o presidente da República constitui a COMISSÃO DE LOCALIZAÇÃO DA NOVA CAPITAL. Chefiada inicialmente pelo general Aguialdo Caiado de Castro, teve, porém, no marechal José Pessoa Cavalcanti de Albuquerque a sua peça principal. José Pessoa dinamizou a

Comissão e deu rumos definitivos ao problema, não somente escolhendo definitivamente o local, como sensibilizando, através de sua palavra autorizada e patriótica, a opinião pública para o fascinante tema.

Escolhido o local, demarcadas as fronteiras do sítio escolhido, realizados numerosos estudos referentes ao abastecimento d'água, ao potencial hidrelétrico, à qualidade das terras para edificação e agricultura, feito o levantamento topográfico de toda a área, consciente o povo brasileiro da necessidade inadiável da mudança, nada mais natural que o presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, eleito em 1956, fosse impelido a cumprir a Constituição e realizar o sonho nacional de mais de cem anos, relegado a plano secundário por governos que teimavam em descumprir a Lei Magna.

Conta-nos o presidente Kubitschek que, no seu primeiro comício como candidato à Presidência da República, na cidade de Jataí, Goiás, em pleno sertão brasileiro, ao conceder a palavra ao povo, iniciando o debate popular, um popular — o Toniquinho — indaga: "Se o senhor

for eleito transferirá a capital para o Planalto Central?"

Vencedor nas urnas, o presidente tratou logo de cumprir com a palavra empenhada com o povo brasileiro.

Uma Lei foi votada pelo Congresso e, em setembro de 1956, instituiu-se a COMPANHIA URBANIZADORA DA NOVA CAPITAL DO BRASIL, a NOVACAP.

Após a criação dessa Empresa, iniciou-se uma verdadeira luta em prol da concretização da idéia. Homens de todos os recantos do País se deslocaram, para o Planalto: operários, especialistas, comerciantes, engenheiros, construtores, topógrafos, médicos...

As primeiras viagens aéreas eram feitas em pequenos aviões DC-3 ou Beechcraft, que utilizavam o precário campo de pouso do Gama, com oitocentos metros de pista de terra batida. Por via terrestre, a viagem era penosíssima, via Anápolis, em estrada de terceira classe.

Viajando nos chamados "paus de arara", aportavam a Brasília milhares de nordestinos, procurando melhores condições de vida, e todos eles eram logo absorvidos pelas firmas construtoras, que, a cada momento, se multiplicavam para dar conta dos compromissos assumidos ante a pressa com que se edificava a nova cidade.

Funcionários da Novacap eram instalados em residências ou alojamentos de madeira, precários, e os operários se alojavam nos acampamentos das Companhias construtoras.

O presidente da República visitava

constantemente as obras e muitas vezes pernoitava na residência de madeira, especialmente preparada para ele e para os dirigentes da Novacap, logo apelidada de CATETINHO.

Quem visitasse Brasília no início de sua vida teria de enfrentar os riscos da viagem aérea e, em chegando, veria milhares de homens, cheios de fé, de entusiasmo e vibração cívica, criando uma nova civilização nos trópicos: eram os operários que, sem descansos nem folgas, trabalhavam dezesseis horas por dia; era o estrangeiro que explorava área às margens do córrego e não tinha tempo para dormir, tal o volume dos pedidos; era o comerciante da Cidade Livre, com suas portas abertas dia e noite; eram os engenheiros, funcionários, diretores da Empresa em trabalho contínuo e ininterrupto, sem tempo para conversas inuteis, para "bate-papos", para diversões ou lazer. A propósito, o jornalista Juan Manuel García Puga, declarou em um dos seus artigos sobre Brasília, a 23 de abril de 1959:

"Minha primeira noite em Brasília não teve descanso. Recordá-la-ei como uma noite sem sono. Ali, onde a história se faz com pressa, dia e noite, não houve descanso para mim. Mas por que havia de haver, quando todos estavam trabalhando?"

A solidão do Planalto se transformara num campo de batalha.

Brasília começou do NADA. Não havia casas, instalação elétrica, água, recursos humanos. NADA, absolutamente NADA. Ter-se-ia que fazer o provisório para depois iniciar o definitivo. Não havia qualquer ponto de apoio para a execução do trabalho.

Mas, se o milagre se operou, é que Brasília foi construída sob os impulsos dos mais nobres sentimentos e de uma inabatível fé nos destinos do Brasil. Todos eram solidários, todos participavam do mesmo ideal, todos os sentiam como fossem membros de uma só família.

Se um pneu furava, quatro ou cinco paravam para ajudar. Se alguém dissesse: "estou precisando de um trator", o problema se transferia para todos, que procuravam descobrir onde conseguir a máquina. Todos se trajavam de maneira semelhante. O cangano anônimo era um amigo dileto do engenheiro e todos se encontravam nos mesmos bares, restaurantes, até mesmo na mesma mesa. Pretos, brancos, brasileiros e estrangeiros daram um exemplo de solidariedade talvez jamais visto em qualquer outra parte. O ideal e a fé, o entusiasmo e o desejo de realizar algo de novo e excepcional, a fascinação do empreendimento, a solidariedade, foram muitos dos motivos que nos levaram a construir, em tempo recorde, a mais bela e a mais moderna cidade do mundo.

E alguém chegava a Brasília com idéias menos nobres, de explorar o próximo ou ganhar dinheiro fácil, dentro de pouco tempo se definia: ou deixava Brasília por se sentir um intruso ou se incorporava à legião dos que somente pensavam no trabalho cotidiano e lutavam por um ideal comum.

E assim se desenrolava a vida nestes ermos. A proporção que os dias avançavam, maiores eram as responsabilidades, principalmente depois do chamado DESAFIO DO CONGRESSO, isto é, a fixação da data da mudança da capital: 21 de abril de 1960. Estávamos, então a primeiro de outubro de 1957, a dois anos e meios da data fixada.

Muitas vozes se levantaram contra a construção de Brasília, argumentando com a inopportunidade da medida ou a excessiva pressa, mas a maioria da Nação, principalmente os milhões de habitantes do interior — abandonados à própria sorte, por desídia de sucessivos governos — e isolados dos centros civilizados do País, a maioria apoiava e aplaudia a resolução.

Finalmente, a 21 de abril de 1960, perante milhares de turistas, do Corpo Diplomático, dos heróicos construtores da cidade, de autoridades civis, militares, eclesiásticas, do Executivo, Legislativo e Judiciário, do povo da região, Brasília se transforma na Capital do Brasil.

Naquele momento, a cidade representava o fim da epopeia, da música trepidante e da luta frenética, o epílogo do trabalho ininterrupto. Era o inicio do cotidiano e da rotina — sem glória, sem grandeza, sem entusiasmo, sem gosto de heroísmo.

Afinalmente, Brasília cresce, Brasília entusiasma os que a visitam, Brasília acolhe e afaga os que nela vivem, Brasília realiza o sonho da Unidade Nacional e aproxima os irmãos do litoral aos do sertão, Brasília ajuda-nos a conquistar o interior do Brasil.

Só o futuro, porém, nos dirá o destino desta cidade, "edificada no entusiasmo e na precipitação, mesclando o sonho à planificação", "uma das maiores epopeias da história dos homens".

Ernesto Silva

